

A Representatividade Feminina em Publicações Científicas

Women Representation in Scientific Publications

Daniela do Carmo Rassi Frota,^{1,2} Viviane Tiemi Hotta^{3,4}

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás,¹ Goiânia, GO – Brasil

Hospital São Francisco de Assis,² Goiânia, GO – Brasil

Instituto do Coração, HC-FMUSP,³ São Paulo, SP – Brasil

Fleury Medicina e Saúde, Grupo Fleury,⁴ São Paulo, SP – Brasil

Em 2015, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a data de 11 de fevereiro como o Dia Internacional das Mulheres e Meninas nas Ciências. Esta data tem sido comemorada desde 2016, visando aumentar a conscientização sobre a excelência das mulheres na ciência e lembrar a comunidade internacional de que a ciência e a igualdade de gênero devem avançar lado a lado.¹

Dados da própria ONU e da UNESCO apontam que as mulheres representam menos de 30% dos pesquisadores em todo o mundo e demonstram como ainda persistem as barreiras e a baixa representatividade para mulheres e meninas, especialmente em áreas como ciências, tecnologia, engenharia e matemática.¹

Até hoje, a sobrecarga de serviços domésticos e cuidados familiares deixa as mulheres em desvantagem no meio acadêmico, gerando disparidades não só no desenvolvimento de estudos e na publicação de artigos, mas também na representatividade entre pesquisadores, a qual é crucial para uma discussão mais abrangente e para a diversidade dos temas escolhidos para estudo. Crenças e fatores culturais, sociais e econômicos podem limitar as oportunidades educacionais disponíveis para as mulheres, desencorajando ainda mais sua participação em pesquisas científicas.

Apesar de algumas ações, a desigualdade de gênero ainda é predominante na ciência. Embora homens e mulheres tenham aproximadamente o mesmo número de diplomas de bacharelado e mestrado, nos escalões acadêmicos mais altos, a balança pende a favor dos cientistas do sexo masculino. Na União Europeia e nos Estados Unidos, apenas 20% e 21% dos professores titulares são mulheres, respectivamente. Esse número é ainda menor para professores de ciências naturais.²

Quanto à representatividade em ensaios clínicos, um estudo conduzido por Denby et al. demonstrou que as mulheres constituíam apenas 10,1% dos comitês de liderança de ensaios clínicos; isso é substancialmente menor do que a já baixa proporção de mulheres médicas ou pesquisadoras

na área terapêutica cardiovascular. Em 55,5% dos comitês de liderança, não havia representação feminina, e as publicações de ensaios clínicos cardiovasculares tinham mulheres em apenas 9,3% da primeira ou 10,0% da última posição de autora.³

Pesquisas anteriores sugerem que equipes de pesquisa com heterogeneidade de gênero podem produzir pesquisas de maior qualidade. Maior visibilidade das mulheres em cargos de liderança em estudos clínicos pode aumentar o recrutamento de participantes do sexo feminino e atrair mais investigadoras para a pesquisa clínica cardiovascular. Observou-se um ciclo vicioso para as mulheres na medicina acadêmica, com a exclusão de mulheres levando a mais exclusão, falta de reconhecimento e taxas lentas de promoção.³

Ao trazer essa análise e discussão para o Departamento de Imagem Cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia, observamos um cenário diferente do relatado em relação ao número de mulheres como primeira ou última autora nos artigos publicados entre os anos de 2017 e 2022 no ABC Imagem Cardiovascular. As mulheres foram maioria durante esse período, exceto no ano de 2018 (Figura 1).

Em relação à posição das mulheres em cargos de editor-chefe, uma pesquisa conduzida por Pinho-Gomes et al. examinou a representação de mulheres e homens. A análise abrangeu 41 categorias médicas e utilizou dados do *Clarivate Analytics Web of Science Journal Citation Reports* de 2019. Os resultados indicam uma sub-representação significativa das mulheres, correspondendo a apenas 1 em cada 5 editores-chefes das principais revistas médicas. Algumas categorias não tinham editoras-chefes mulheres (odontologia, cirurgia oral e medicina; alergia; psiquiatria; anestesiologia; e oftalmologia), enquanto outras tinham uma presença maior de mulheres como editores-chefes (atenção primária à saúde, microbiologia e genética e hereditariedade). Em 27 das 41 categorias, as mulheres representavam menos de um terço dos editores-chefes, como, por exemplo, 1 em 10 para medicina intensiva, 2 em 10 para gastroenterologia e hepatologia e 3 em 10 para endocrinologia e metabolismo.⁴

A revista ABC Imagem Cardiovascular já possuiu 17 editores desde 1988, sendo 5 deles mulheres (Figura 2): Vera Marcia Lopes Gimenes (anos 1994-1996; 2008-2009), Cláudia Gianini Monaco (anos 2003-2004), Ana Clara Tude Rodrigues (ano 2014-2015), Viviane Tiemi Hotta (anos 2018-2019) e Daniela do Carmo Rassi Frota (anos 2022-2023). Atualmente, as mulheres representam 45% dos cargos de editores associados da revista.

O aumento da representação feminina nos conselhos editoriais, especialmente nas posições de editora-chefe, é

Palavras-chave

Mulheres; Atividades Científicas e Tecnológicas; Comunicação e Divulgação Científica.

Correspondência: Daniela do Carmo Rassi Frota •

Hospital São Francisco de Assis, Ecocardiografia. Rua 9A. CEP: 74075-250.

Goiânia, GO – Brasil

E-mail: dani.rassi@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.36660/abcimg.20230078>

Publicações ABC Imagem Cardiovascular

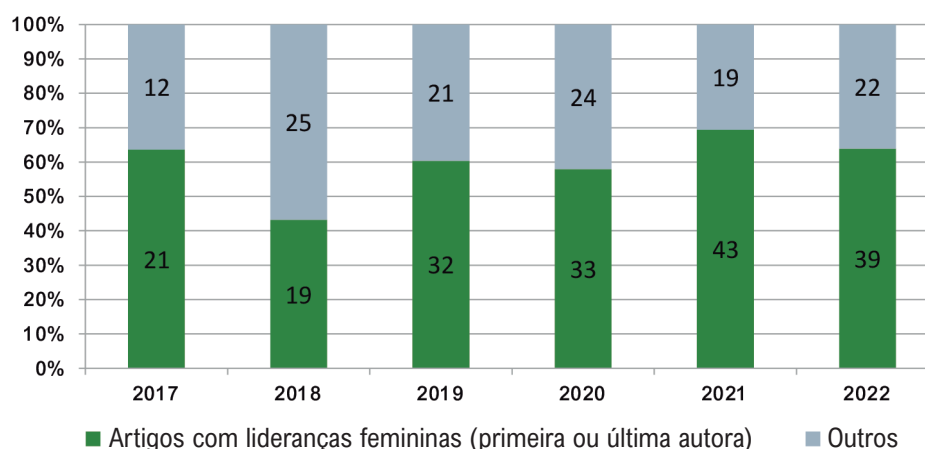


Figura 1 – Número de artigos publicados no ABC Imagem Cardiovascular tendo mulheres com primeira e/ou última autora de 2017 a 2022.



Figura 2 – Congresso do Departamento de Imagem Cardiovascular 2023 com as editoras-chefes da ABC Imagem Cardiovascular.

crucial para combater as desigualdades presentes na publicação acadêmica e no meio acadêmico em geral. A sub-representação das mulheres nesses cargos é resultado de diversos fatores. Primeiro, as mulheres tendem a recusar convites para cargos editoriais devido à expectativa de que essas posições possam interferir em compromissos familiares e/ou profissionais. Isso está relacionado com a distribuição desigual de responsabilidades, onde as mulheres frequentemente têm mais obrigações não remuneradas e maior carga ou até responsabilidade exclusiva pelo trabalho mental nos cuidados domésticos e familiares. Essa carga desigual pode limitar o tempo disponível para pesquisa e liderança. Além disso, interrupções na carreira, como licença-

maternidade, e preconceitos de gênero contribuem para dificultar a progressão profissional das mulheres.⁴

O viés inconsciente de gênero também desvaloriza o desempenho acadêmico das mulheres e perpetua estereótipos que as excluem de posições de liderança, incluindo a de editora-chefe. A falta de mentoria e modelos femininos apropriados também impacta negativamente a ascensão das mulheres na carreira acadêmica. Aumentar a presença de mulheres nos conselhos editoriais, particularmente como editoras-chefes, é essencial para abordar essas desigualdades profundamente enraizadas. A presença de uma editora-chefe

está ligada a uma maior representação feminina em conselhos editoriais e consultivos, bem como na revisão por pares. Dado que muitas vezes os editores-chefes são escolhidos a partir dos conselhos editoriais, enfrentar a sub-representação de mulheres nesses conselhos é uma prioridade para alcançar a paridade de gênero em posições de liderança.

Para alcançar a igualdade de gênero, é necessário agir cedo, mostrar às meninas como é importante ter uma profissão e dar bons exemplos de mulheres cientificamente bem-sucedidas. A falta de mentoras e modelos femininos em cardiologia tem sido repetidamente citada como um potencial desestímulo para o recrutamento e retenção de mulheres na área. A frase “Você não pode ser o que você não pode ver” tem sido frequentemente citada no contexto da cardiologia acadêmica.

Assim, apesar da representatividade crescente das mulheres na ciência e nas atividades acadêmicas, bem como da maior conscientização sobre a desigualdade de gênero nestes contextos, é primordial além das políticas públicas de incentivo a mulheres em posições de liderança, uma mudança sociocultural que valorize as conquistas e mérito das mulheres, respeitando seu papel no cerne do núcleo familiar.

Finalmente, é importante também ressaltar o valor da sororidade entre as mulheres e de parcerias ricas e prolíficas que potencializem ainda mais o papel da mulher no meio científico para que em um futuro próximo, mais meninas e mulheres conquistem a igualdade de gênero em todos os âmbitos.

Referências

1. UNESCO Institute for Statistics. Women in Science [Internet]. Montreal: UNESCO; 2018 [cited 2023 Oct 26]. Available from: <http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/fs51-women-in-science-2018-en.pdf>.
2. van Rooij E, Bishopric NH. Sex Differences in Science: Do We Have a Problem? JACC Basic Transl Sci. 2019;4(4):478-9. doi: 10.1016/j.jacbs.2019.07.007.
3. Denby K, Szpakowski N, Silverman J, Walsh MN, Nissen SE, Cho L. Representation of Women in Cardiovascular Clinical Trial Leadership Published by High-Impact Medical Journals. J Am Coll Cardiol. 2020;75(11 Suppl 1):3492.
4. Pinho-Gomes AC, Vassallo A, Thompson K, Womersley K, Norton R, Woodward M. Representation of Women Among Editors in Chief of Leading Medical Journals. JAMA Netw Open. 2021;4(9):e2123026. doi: 10.1001/jamanetworkopen.2021.23026.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença de atribuição pelo Creative Commons